

A Necrópole Megalítica da Serra do Alvão

Introdução

O planalto da Serra do Alvão albergou um importante conjunto de monumentos megalíticos, muito conhecido, tanto nacional como internacionalmente, pelo seu elevado número, concentração em pequenas áreas, diversidade arquitectónica e, sobretudo, pelo espólio que forneceu. Já no século XIX, traduzindo a importância da necrópole, a região é denominada por alguns autores «pátria dos dólmenes» ⁽¹⁾ e, durante muito tempo, foi considerada o foco originário de todo o megalitismo peninsular ⁽²⁾, alimentando as páginas de revistas especializadas, que discutiam, em especial, a peculiaridade do numeroso espólio recolhido nestes monumentos ⁽³⁾.

Os dólmenes da Serra do Alvão começaram a ser escavados em Dezembro de 1894 pelos padres José Isidro Brenha, da Póvoa de Varzim, e Raphael Rodrigues, de Telões que, em Dezembro de 1895, anunciavam ter já escavado 56 daqueles monumentos ⁽⁴⁾. Tais trabalhos, realizados com o objectivo quase único de recolha de objectos, representaram o primeiro factor de degradação destes monumentos. Os seus autores dão-nos notícia desse facto ao afirmarem, em textos que então publicaram, que «este dólmen foi pouco antes de nós o explorarmos, deitado ao chão, para transportarem alguns esteios para a vizinha povoação de Paredes ⁽⁵⁾ ou, «...já estão devassados» ⁽⁶⁾, «foi escavado pelas mulheres de Carrazedo» ⁽⁷⁾ ou ainda, em escrito redigido alguns anos depois das escavações «já nada resta deste dólmen, todas as pedras foram arrancadas para a parede d'um tapado» ⁽⁸⁾.

Estas acções, levadas a cabo por populares, quer para aproveitamento das lajes de granito, quer em busca de «tesouros», por vezes em nítida disputa com as escavações empreendidas pelos párocos, tiveram um efeito destrutivo prolongado ao longo de anos. Aliás, o aparecimento de tesouros monetários na região (moedas romanas e, mesmo, visigodas), decorrentes da permanência romana, levou à associação de tais achados aos monumentos megalíticos, popularmente conhecidos por «casas dos mouros», e à quase permanente violação dos dólmenes e mamoas em busca de tais tesouros.

Em 1910 os dólmenes do Alvão são classificados como monumentos nacionais, ainda que genericamente e sem qualquer localização geográfica ⁽⁹⁾. Tal medida não obistou a que, na década de 40, a Junta de Colonização Interna promovesse o aproveitamento agrícola de vastas áreas da região, as mais irrigadas, iniciando-se uma

(1) Nomeadamente pelo dr. Pedro A. Ferreira (Abade de Miragaia) em textos publicados na «Enciclopédia das Famílias» e em «O Agiólogo Português».

(2) *Vd.* BOSCH-GIMPERA, P., *Etnología de la Península Ibérica*, Barcelona, 1932; *id.*, *El Poblamiento Antiguo y la Formación de los Pueblos de España*, México, 1944; *id.*, *Prehistoria de Europa*, Madrid, 1975, p. 199.

(3) Vejam-se, p. ex., os artigos publicados por Ricardo Severo, A. Mendes Corrêa e Bégouen na revista *Portugalia e Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia*.

(4) RODRIGUES, Raphael, *Dólmenes ou antas de Villa Pouca de Aguiar*, «O Archeologo Português», I (12), Lx., 1895, p. 346.

(5) *Id.*, *ibidem*, p. 349.

(6) *Id.*, *ibidem*, p. 348.

(7) BRENHA, José, *Dólmenes ou antas no concelho de Villa Pouca d'Aguiar*, «Portugalia», I (4), Porto, 1903, p. 697.

(8) *Id.*, *ibidem*, p. 696.

(9) Dec.-Lei de 16 de Junho, publicado no *Diário do Governo*, n.º 136, de 23 de Junho.

sistemática acção destruidora dos vestígios arqueológicos ali existentes. E, em 1961, o Dr. Fernando Bandeira Ferreira, na qualidade de vogal da antiga Junta Nacional da Educação, informava aquela entidade «da completa ou quase completa destruição dos dólmenes existentes na Serra do Alvão» e que «a destruição (...) da necrópole do Alvão é mais um caso, e bem grave infelizmente, dada a excepcional importância desse conjunto dolménico» (10). Em 1980, a Comissão «ad hoc» do Instituto Português do Património Cultural «atendendo ao elevado interesse arqueológico da Serra do Alvão (...) considera de máxima urgência a realização do levantamento arqueológico daquela área» (11).

É neste contexto que, em Junho de 1981, no âmbito das actividades do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, o signatário realiza na região da Serra do Alvão prospecções com vista ao levantamento cartográfico dos monumentos megalíticos e uma avaliação do seu estado de conservação. São os resultados do trabalho de campo então feito, bem como as recomendações emitidas, que agora se publicam, julgando-se, assim, contribuir para um melhor conhecimento do megalitismo transmontano e sensibilizar investigadores e entidades para o seu estudo e conservação (12).

Quadro geológico e geográfico da região

A Serra do Alvão integra-se na cadeia montanhosa que, de Norte para Sul, separa duas regiões naturais: o *Entre-Douro-e-Minho* e o *Alto Trás-os-Montes*. De facto, as serras do Gerês e da Cabreira, a Norte, junto à Galiza, e as serras do Alvão e do Marão, a Sul, constituem a barreira natural que isola as duas regiões, proporcionando-lhes diferenças profundas, directamente relacionadas com o contraste climático. A cadeia de relevos mencionados constitui o principal obstáculo à entrada de influências oceânicas que, conjuntamente com a Serra de Montemuro, a Sul do Douro, isolam a região, ocasionando um clima de influências continentais e excessivo (Invernos prolongados e rigorosos e Verões muito quentes), húmido e pluvioso, a Oeste, e mais seco, na região oriental.

Região de vales profundos, na maior parte de origem tectónica, possui um substrato geológico arcaico (Antecâmbrico e Paleozóico), constituído por xistos, grauvaques, quartzitos e gneiss, com intrusões de rochas eruptivas (granitos, rochas básicas, etc.). As características do relevo e do solo, associadas ao ambiente climático, condicionam profundamente a organização da vida na região: exploração do solo, povoamento, relações económicas, arquitectura, etc. (13).

A Serra do Alvão é limitada, genericamente, pelos vales dos rios Tâmega, a Oeste, Cabil e Corgo, a SO e pelo Avelâmes e ribeira de Vidago, a NO e Norte.

(10) «Nota acerca da necrópole dolménica da Serra do Alvão», apresentada à 2.ª Sub-secção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação, em 19 de Maio de 1961.

(11) Parecer emitido pela Comissão «ad hoc» do Instituto Português do Património Cultural, em 7 de Outubro de 1980.

(12) Os trabalhos foram subsidiados pelo Instituto Português do Património Cultural e tiveram o apoio da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar e dos Serviços Florestais de Vila Real, entidades a quem expressamos os nossos agradecimentos.

(13) Sobre a geografia e geomorfologia da região veja-se, entre outros, DIAS, Jorge, *Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro*, Lisboa, 1949; TABORDA, Vergílio, *Alto Trás-os-Montes*, Coimbra, 1932; FERREIRA, H. Amorim, *O Clima de Portugal. III — Trás-os-Montes*, Lisboa, 1943; CASTRO PORTUGAL, J. A. R., *Materiais para o estudo da riqueza mineralógica da Província de Trás-os-Montes (Portugal)*, Porto, 1921.

A Sul, a veiga da Campeã separa-a do maciço montanhoso do Marão, de que é, aliás, um prolongamento.

A cobertura vegetal da região não é uniforme; podemos dividi-la em duas áreas distintas: as encostas, com o carvalho, da espécie *Quercus pyrenaica*, o sobreiro e a azinheira, e os vales, de clima mais suave, com algumas espécies mediterrânicas.

Cartografia da região

Carta Militar de Portugal, escala de 1:25 000, folhas n.ºs 73 (Rib.ª de Pena), 101 (Ermida — Mondim de Basto), 60 (Vidago — Chaves), 87 (Vilar de Ferreiros — Mondim de Basto), 74 (Vila Pouca de Aguiar), 88 (Telões — Vila Pouca de Aguiar) e 102 (Vila Real).

Carta Corográfica de Portugal, escala de 1:50 000, folhas n.ºs 6-A (Rib.ª de Pena), 6-B (V.ª Pouca de Aguiar), 6-C (Mondim de Basto), 6-D (Vila Real) e 10-A (Peso da Régua).

Toponímia

O levantamento toponímico da região em estudo permitiu a referenciação de um conjunto significativo de designações locais, quer referentes a monumentos megalíticos, quer a outros vestígios arqueológicos ou com interesse para o estudo da ocupação da região em épocas mais recentes, da cobertura vegetal, etc.

— *topónimos indicativos, por vezes, de monumentos funerários, nomeadamente megalíticos:*

antas, freg. de Afonsim e Gouvães da Serra; *arcas*, freg. de Soutelo de Aguiar; *campas*, freg. de Soutelo de Aguiar; *cancelas*, freg. de Soutelo de Aguiar; *eiras*, freg. de Afonsim e Vilarinho de Samardã; *fontelo*, freg. de Soutelo de Aguiar; *fornalhas* e *fornos*, freg. de Afonsim, Soutelinho (Telões) e Lamas de Olo; *mamoas*, freg. de Afonsim; *mouros*, (casa dos), freg. de Afonsim; *cabanas*, freg. de Afonsim; *portela*, freg. de Afonsim e Soutelo de Aguiar;

— *outros topónimos com interesse arqueológico:*

cidadelha, freg. de V. Pouca de Aguiar; *castelo(s)*, freg. de Vidago, S. Salvador e Capeludos; *castelão*, freg. de Pensalves;

— *antroponímicos antigos, alusivos a propriedades rústicas:*

Telões, freg. do mesmo nome («villa» *Tellonis*); *Afonsim*, freg. do mesmo nome («villa» *Fonsini*); *Tourencinho*, freg. de Telões (do nome pessoal *Taurenciun-*); *Tresminas*, freg. de Vreia de Bornes (antigo *Tresmires*, patronímico de *Trasimirus*);

— *topónimos de origem botânica:*

Reboredo e *Rebordochão*, do latim *roburetu-* (carvalho); *Biduedo*, do latim *betuletu-* (videiro); *Sabroso*, do latim *soverosu-* (sobreiro); *Nuzedo*, do latim *nucelu-* (nogueira); *Carrazedo*, do latim *carecet-* (carvalho); *Filhagoza*, do latim *filicosa*, por *filcosa* > *filgosa* (feto); *Salgueiral*, do latim *salix* (salgueiro).

Os dados bibliográficos

A bibliografia sobre os monumentos megalíticos e outros vestígios arqueológicos da Serra do Alvão e regiões limítrofes é numerosa e dela se dá nota, sucintamente, no final deste artigo. É o resultado quer das explorações arqueológicas realizadas nos finais do século passado e princípios deste pelos padres José Brenha e Raphael Rodrigues e, mais tarde, por Henrique Botelho, quer da polémica, que durou longos anos, alimentada pelo aparecimento, num dos dólmenes do Alvão, de «figuras idoliiformes» e placas com «símbolos alfabéticos»⁽¹⁴⁾. Partindo dessa antiga bibliografia, e do mapa publicado por Raphael Rodrigues em «O Archeologo Português»⁽¹⁵⁾ ainda que bastante impreciso e de difícil interpretação, é possível definir as principais áreas de implantação de monumentos megalíticos (vd. quadro anexo interpretativo do referido mapa) a considerar num trabalho de prospecção.

QUADRO I — Identificação das áreas de implantação, seg. a cartografia actual, dos monumentos referenciados por R. Rodrigues em «O Arch. Port.» (1895).

N.º Mon.	Localização	Total
1- 2	Fonte da Chã (Portela da Chã), a NO de Soutelo de Aguiar	2
3-23	Chã de Arcas, a Sul e SO de Carrazedo do Alvão	21
24-28	Chã do Prado, a O de Soutelinho	5
29	Alto do Catorino, a O de Carrazedo do Alvão	1
30-34	Lixa do Alvão	4
35-38	Paredes do Alvão, Frieiro	4
39-43	Falperra	5
44-50	Trandeiras	7
51-52	Chã de Lagoa/Nabal, a NE de Sta. Marta do Alvão	2
53-54	Veiga do Alvão, a NE de Sta. Marta do Alvão	2
55-58	Praina do Vale da Chã/Lameiro do Fragão, a E de Balugueira	4
59-66	Cabanas	8
67-68	Alto Minheu	2
69-71	Praina dos Molhadinhos, a SE de Afonsim	3
	TOTAL	71

A prospecção

O trabalho de campo processou-se a partir dos dados bibliográficos, toponímicos e cartográficos, inicialmente, e informações orais, obtidas localmente, depois. O planalto do Alvão foi exaustivamente observado, em especial as áreas mais própi-

⁽¹⁴⁾ Cfr. SEVERO, Ricardo, *Commentario ao Espolio dos Dolmens do Concelho de Villa Pouca d'Aguiar*, «Portugalia», I (4), Porto, 1903.

⁽¹⁵⁾ Vol. I (12), 1895, pp. 346-352.

cias (chãs) localizadas nos concelhos de V.^a Pouca de Aguiar, Ribeira de Pena e Vila Real ⁽¹⁶⁾. A observação do terreno permitiu a localização dos seguintes monumentos e vestígios arqueológicos (vd. mapa anexo):

1. monumentos megalíticos

— *Chã das Arcas*, Carrazedo do Alvão, freg. de Soutelo de Aguiar. Conjunto de seis mamoaas, muito destruídas, localizadas em terrenos agricultados, no sítio localmente denominado *Chã das Arcas*, a Sul e a Norte da estrada municipal que, partindo da estrada nacional 206, conduz à povoação de Gouvães da Serra. Três das mamoaas são detectáveis apenas por vestígios muito ténues, não sendo possível definir os respectivos diâmetros, e nas três restantes são ainda visíveis alguns esteios da câmara funerária.

— *Alto do Catorino*, Carrazedo do Alvão, freg. de Soutelo de Aguiar. Mamoa com cerca de 20 metros de diâmetro e 2 metros de altura; câmara poligonal com sete esteios sensivelmente *in situ*; é ainda observável uma grande laje obliterando a entrada da câmara e um esteio (deslocado) da cabeceira.

— *Alto de S. Jorge*, freg. de Gouvães da Serra. Mamoa muito destruída, com cerca de 12 metros de diâmetro, apresentando, na parte central, grande cratera de violação e três esteios da câmara, deslocados. Localiza-se a SSO do marco geodésico de S. Jorge, a cerca de 400 metros.

— *Trás-do-Outeiro*, Trandeiras, freg. de Afonsim. Conjunto de quatro mamoaas de pequenas dimensões (10 a 12 metros de diâmetro), muito destruídas, três delas com alguns esteios da câmara. Situam-se a NE da povoação de Trandeiras no sítio de *Fontelos*.

— *Mamoa*, Trandeiras, freg. de Afonsim. Localiza-se no lugar de *Mamoa*, a SO da povoação de Trandeiras, em terrenos agricultados. São apenas visíveis vestígios da mamoa.

— *Alto das Hortinhas*, freg. de Afonsim. Mamoa muito destruída, com cerca de oito metros de diâmetro; sem vestígios da câmara megalítica, apresenta grande cratera na parte central. Conhecida localmente por *casa dos mouros*.

— *Alto do Bezerral*, freg. de Afonsim. Conjunto de duas mamoaas, com cerca de 10 metros de diâmetro, muito destruídas. Não são observáveis esteios de câmara.

— *Monte Minheu*, freg. de Afonsim. Mamoa com cerca de 12 metros de diâmetro, câmara muito remexida, apresentando sete esteios, deslocados. Localiza-se a cerca de 350 metros SE do marco geodésico do *Minheu* e a 100 metros para Norte do caminho carreteiro que, de Trandeiras, conduz àquele sítio.

— *Alto do Facho*, freg. de Salvador, conc. de Rib.^a de Pena. Conjunto de três mamoaas situadas na chã compreendida entre os outeiros denominados *Alto do Facho* e *Alto da Subidade*.

⁽¹⁶⁾ Agradecemos ao Sr. P.^o João Parente, de Vila Marim, as informações prestadas relativas aos monumentos que terão existido nas freguesias da Campeã, Quintã, Mouços, Mondrões, etc., já no concelho de Vila Real, bem como a indicação, no concelho de Ribeira de Pena, da importante estação de arte rupestre de *Lamelas*. Neste concelho, após a realização do trabalho de campo, tivemos notícia da existência de alguns outros monumentos megalíticos, ainda na área da Serra do Alvão, já referenciados por Mário de Menezes, *Notícias arqueológicas do concelho de Ribeira de Pena*, «O Arch. Port.», vol. XXVII, Lx., 1925-26, pp. 29-48 e, mais recentemente, por Manuel José Carvalho Martins, *O Santuário rupestre de Lamelas (Ribeira de Pena)*, Câmara Municipal, 1981, que não tivemos oportunidade de observar directamente. Mencionam-se neste inventário sob reserva.

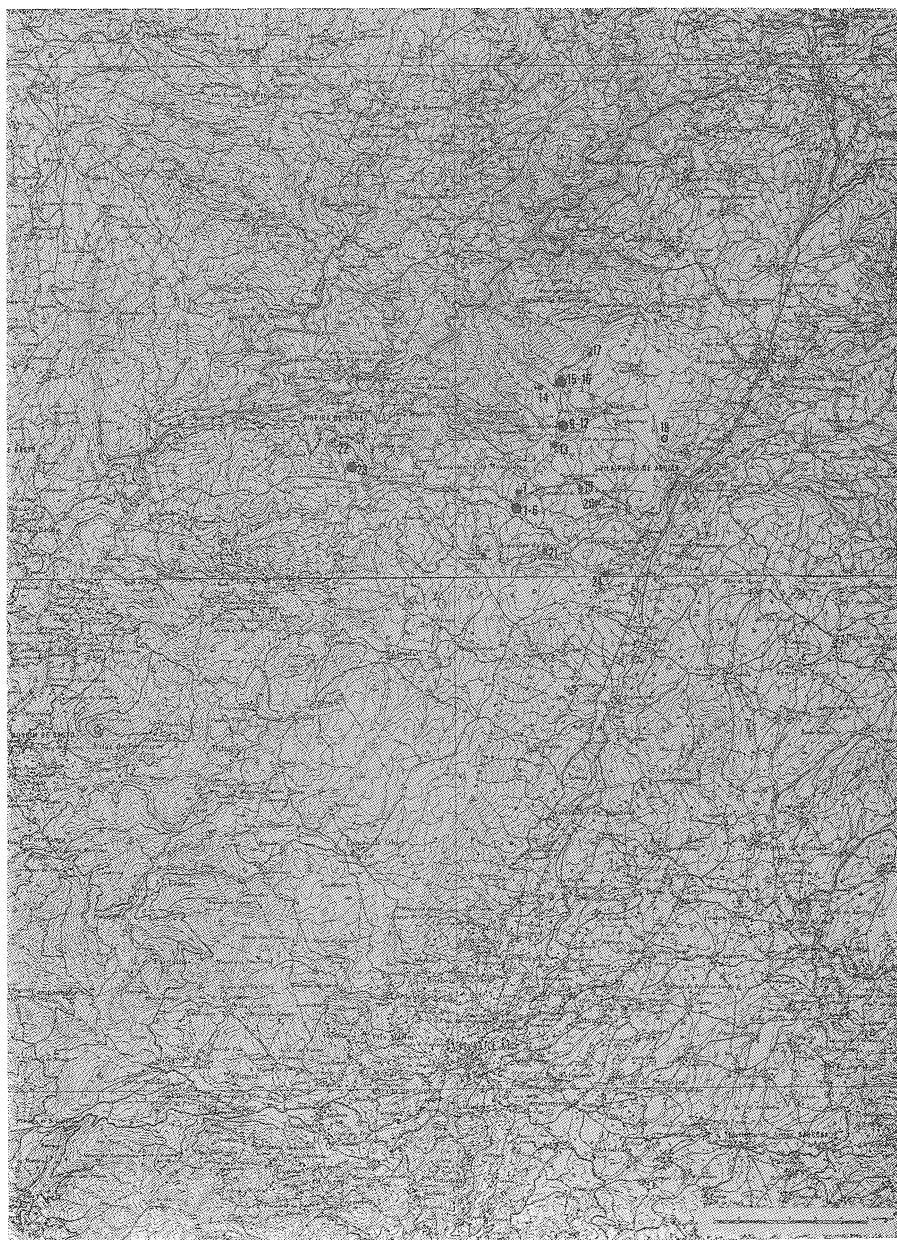


Fig. 1 — Localização dos monumentos referenciados no presente trabalho (*Carta Corográfica de Portugal*, fls. 6 e 10, esc.: 1:100 000): 1 a 6 — Mamoas de *Chã de Arcas*; 7 — Mamoa do *Alto do Catorino*; 8 — Mamoa do *Alto de S. Jorge*; 9 a 12 — Mamoas de *Trás-do-Outeiro*; 13 — Mamoa do sítio do mesmo nome; 14 — Mamoa do *Alto das Hortinhas*; 15 e 16 — Mamoas do *Bezerral*; 17 — Mamoa do *Alto Minheu*; 18 — Reduto fortificado de *Cidadelha*; 19 — Sepulturas antropomórficas de *Lixa do Alvão*; 20 — Sep. antropomórficas de *Paredes*; 21 — Sep. antrop. de *Povoação*; 22 — Estação de Arte Rupestre de *Lamelas*; 23 — Mamoas do *Alto do Facho*; 24 — Castelo de *Aguiar da Pena*.



Fig. 2 — Mamoa 4 de *Chã de Arcas* (Carrazedo do Alvão, freg. de Soutelo de Aguiar).

Outros monumentos

— *Reduto fortificado de Cidadelha*, freg. de V.^a Pouca de Aguiar. Esporão granítico, de difícil acesso, particularmente nos sectores Sul e Oeste, apresentando nessa área uma encosta escarpada e íngreme virada ao vale do rio Avelâmes, a montante da povoação de Cidadelha. Nos sectores Norte e Nordeste é observável um troço de muralha, de pedra aparelhada e possança, em algumas zonas, de 2 metros. A Norte, a passagem de acesso, recentemente destruída. Embora o topónimo *Cidadelha* remeta para a existência de um povoado fortificado, provavelmente de pequenas dimensões, a julgar pelo diminutivo revelado pelo topónimo (do latim *civitatula* > *civitatricula* (diminutivo latino-vulgar) e o local ofereça boas condições de defesa, a inexistências de quaisquer outros vestígios não permite a identificação segura, cronológica e funcional, da estação.

— *Sepulturas escavadas na rocha*, Lixa do Alvão, freg. de Soutelo de Aguiar. Conjunto de seis sepulturas escavadas na rocha, situadas nas proximidades do caminho carreteiro que, da povoação de Lixa do Alvão, conduz às zonas agrícolas localizadas a Sul desta. Sem tampa, apresentam planta antropomórfica, orientadas no sentido O-E e N-S (17).

(17) Sobre a ocupação medieval da região veja-se o recente artigo de BARROCA, Mário Jorge e MORAIS, António Joaquim C., *Sepulturas medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)*, «Arqueologia», 8, Porto, Dez.º 1983, pp. 92-102.

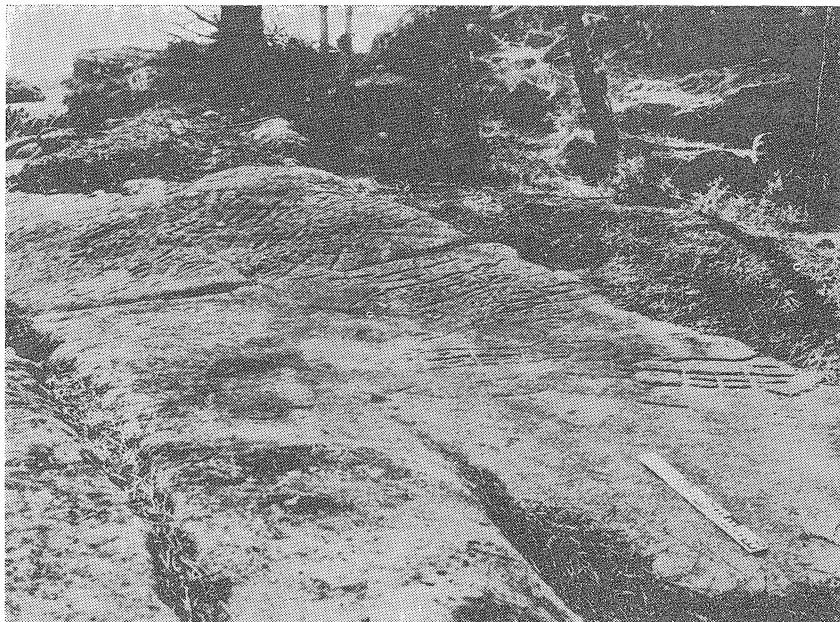


Fig. 3 — Estação de arte rupestre de *Lamelas* (freg. de Salvador conc. de Ribeira da Pena).

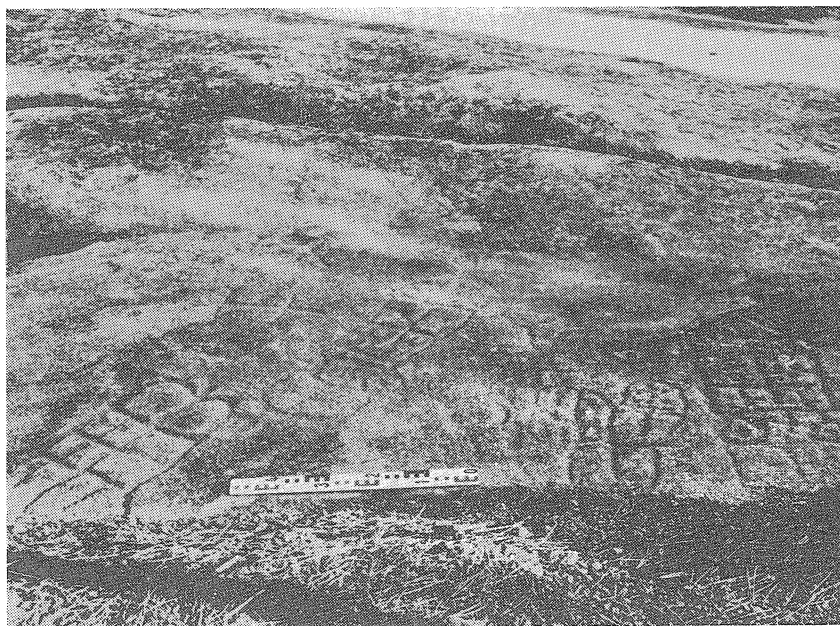


Fig. 4 — *Idem*, pormenor.

— *Sepulturas escavadas na rocha*, Paredes, freg. de Soutelo de Aguiar. Conjunto de quatro sepulturas escavadas na rocha, de planta antropomórfica, orientadas no sentido O-E, sem tampa; situam-se em afloramento rochoso junto à Escola Primária de Paredes do Alvão.

— *Sepulturas escavadas na rocha*, Povoação, freg. de Soutelo de Aguiar. Conjunto de 9 sepulturas situadas na *Bouça dos Pardieiros*, a NE do lugar de Povoação e a Norte das *Fragas do Miradouro*; sem tampa, apresentam plantas antropomórficas, rectangulares e sub-rectangulares.

— *Gravuras rupestres de Lamelas*, freg. de Salvador, conc. de Ribeira de Pena. Estação de arte rupestre localizada no sítio denominado *Eiras*, constituída por afloramento granítico de grandes dimensões (18 x 11 metros), fossa, de configuração ovóide, semi-cavada na extremidade nascente do bloco, e fossas de pequenas dimensões abertas em afloramentos graníticos existentes nas proximidades. A superfície superior do afloramento granítico, de aspecto aplanado, encontra-se coberta de insculpturas rupestres, nomeadamente círculos com covinhas, cruciformes, linhas, pontos e «reticulados», além de figuras compostas⁽¹⁸⁾.

— *Castelo de Aguiar*, freg. de Telões, conc. de Vila Pouca de Aguiar. Castelo «roqueiro», cabeça militar da Terra de Aguiar da Pena, situado nas proximidades da povoação de Pontido, em esporão granítico, com boas condições de defesa⁽¹⁹⁾.

Em conclusão

As prospecções desenvolvidas no planalto da Serra do Alvão permitiram verificar que, num curto espaço de tempo, foi destruído um significativo número de monumento megalíticos, apesar de se encontrarem classificados como monumentos nacionais, ficando a necrópole reduzida a cerca de duas dezenas de mamoa ou seus vestígios. A degradação dos monumentos acentuou-se, nos anos 40, com os arroteamentos levados a cabo pela Junta de Colonização Interna.

O espólio exumado por Raphael Rodrigues, José Brenha e Henrique Botelho, originalmente conservado nas suas colecções particulares e, posteriormente, distribuído pelos museus de Póvoa de Varzim, Museu de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», Arquivo Distrital de V. Real e Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, sem qualquer identificação, na maior parte dos casos, torna-o inútil a uma investigação séria porquanto não é possível, actualmente, distinguir o material proveniente da Serra do Alvão do de outras regiões e isolar as peças de cada um dos monumentos. Aliás, a situação referida não tem causa recente pois já nos primeiros escritos daqueles clérigos se notam contradições na descrição, quantidade e origem

⁽¹⁸⁾ O estudo científico desta estação encontra-se por fazer, apesar do trabalho publicado por MARTINS, Manuel José Carvalho, *O Santuário Rupestre de Lamelas (Rib. de Pena)*, Câmara Municipal, 1981. Bastante impreciso na localização e descrição dos monumentos e, sobretudo, na interpretação e enquadramento teórico das gravuras rupestres de *Lamelas*, tem, contudo, o mérito de revelar a existência de materiais metálicos campaniformes, inéditos, encontrados, seg. o autor, «junto à mamoa da Geia» (vd. Des. 1).

⁽¹⁹⁾ Em 1982, nas imediações do estradão que contorna o esporão onde se implanta o Castelo de Aguiar e que, do Pontido, se dirige para a povoação do Castelo, começou a ser escavada pela Dr.^a Susana Oliveira Jorge um importante habitat da Pré-história recente. Vd., da autora, *Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal durante o III e o II milénios a.C.*, «Portugalia», nova série, IV-V, Porto, 1983-84, pp. 97-107; *id.*, *Datas de C14 para a Pré-história Recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas*, «Arqueologia», 12, Porto, Dez.º 1985, pp. 154-183.

das peças, escassos anos após a realização das escavações. Desta situação nos dá notícia, também, o casal Leisner que, na década de 50, acerca do espólio do Alvão nos diz que «infelizmente, o material das antas do Alvão (...) conserva-se sem distribuição dos objectos pelas diferentes antas» (20).

Após a conclusão dos trabalhos, propusemos ao Instituto Português do Património Cultural um conjunto de medidas relativas à Serra do Alvão (muitas delas já concretizadas através do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte), nomeadamente:

1. o desenvolvimento de acções de sensibilização da população para o património arqueológico local (contactos com as autarquias, exposições, etc.), no entendimento de que a melhor forma de preservar o património é interessar as populações pelo que existe nas suas regiões (21);

2. a classificação, como imóvel de interesse público, da *Mamoia do Alto do Catorino*, por se encontrar em relativamente bom estado de conservação e representar o vestígio actual mais significativo da importante necrópole megalítica do Alvão;

3. o estudo da *Estação de Arte Rupestre de Lamelas* (Rib.^a de Pena), sem dúvida uma das mais importantes estações de arte rupestre do Norte de Portugal, e sua classificação como imóvel de interesse público;

4. a classificação, como imóvel de interesse público, do *Recinto fortificado de Cidadelha*, pelo seu inegável interesse arqueológico e bom estado de conservação das muralhas (22);

5. o restauro e conservação do *Castelo de Aguiar*, monumento nacional (23), a empreender pelo departamento competente;

6. a organização e classificação tipológica do espólio arqueológico existente no Arquivo Distrital de Vila Real, proporcionando-lhe melhores condições de exposição, numa perspectiva didáctica (24);

7. o restauro do vaso cerâmico proveniente da *Anta das Carvalhas Alvas* (Parada do Corgo, V.^a Pouca de Aguiar), existente no Arquivo Distrital de Vila Real, fragmentado e em condições deficientes de conservação, o único vaso, de entre o numeroso espólio dos dólmenes escavados nos finais do século passado e princípios

(20) Cfr. LEISNER, Georg e Vera, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1951.

(21) Apesar de muitos monumentos se encontrarem classificados e, aparentemente, protegidos, as populações e, muitas vezes, as próprias autarquias, não têm disso conhecimento. Torna-se urgente, paralelamente ao incremento de classificação de vestígios e monumentos a que se tem assistido nos últimos anos, por acção dos Serviços Regionais de Arqueologia do I. P. P. C., o desenvolvimento de acções de informação e sensibilização para o património local. Em Vila Pouca de Aguiar, e nesse sentido, efectuámos, de colaboração com o Dr. Francisco de Sande Lemos, na Câmara Municipal, uma palestra sobre Megalitismo. Posteriormente, outros investigadores que ali trabalham, têm divulgado o resultado dos seus trabalhos na região. A autarquia, por outro lado, tem manifestado um renovado interesse em criar o Museu Concelhio.

(22) A *Mamoia do Alto Catorino* (Soutelo de Aguiar, V. Pouca de Aguiar), a *Estação de Arte Rupestre de Lamelas* (Salvador, Rib.^a de Pena) e o *Recinto fortificado de Cidadelha* (freg. e conc. de V. Pouca de Aguiar) foram, entretanto, classificados como imóveis de interesse público, aguardando-se a publicação do respectivo Dec.-Lei no «Diário da República». *Vd.* «Informação Arqueológica» n.ºs 5 e 6, respectivamente de 1985 e 1986, pp. 262 e 204.

(23) Dec. n.º 28/82, de 26 de Fevereiro.

(24) Uma parte do espólio da colecção de Raphael Rodrigues foi adquirida pela Assembleia Distrital de Vila Real, encontrando-se precariamente conservada; não sendo possível identificar a proveniência da maior parte dos materiais, seria desejável a sua organização e utilização com fins didácticos.

deste pelos padres Brenha e Rodrigues, cuja proveniência é possível ser determinada (25);

8. o desenvolvimento de um plano de investigação, que incluía sondagens e escavações dos vestígios dos monumentos megalíticos, com o objectivo de recolher, numa perspectiva de defesa do património através do seu estudo, as informações que tais monumentos poderão, ainda, fornecer, seguido de acções de restauro e conservação.

DOMINGOS JESUS DA CRUZ

Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto
Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Manuel de, *Notícias archeológicas de Trás-os-Montes*, «O Arch. Port.», I, Lisboa, 1985, pp. 130-136.
- BOTELHO, Henrique, *Duas necrópoles no concelho de Villa-Pouca-de-Aguiar*, «O Arch. Port.», III, Lx., 1897, p. 256.
- , *Dolmens no concelho de Villa Real*, «O Arch. Port.», II, Lx., 1896, pp. 298-299; *ibidem*, VI, 1901, pp. 164-167.
- , *Arqueologia de Trás-os-Montes*, «O Arch. Port.», IX, Lx., 1904, pp. 49-52 e 166-170.
- BRENHA, José, *Dolmens ou antas no concelho de Villa Pouca d'Aguiar*, «Portugalia», I (4), Porto, 1903, pp. 691-706.
- CUEVILLAS, F. López, *La época megalítica en el Noroeste de la Península*, «Cesaraugusta», 13-14, Zaragoza, 1959, pp. 21-77.
- MENEZES, Mário de, *Notícias arqueológicas do concelho de Ribeira de Pena*, «O Arch. Port.», XXVII, Lx., 1925-1926, pp. 29-48.
- RODRIGUES, Raphael, *Dolmens ou antas de Villa Pouca de Aguiar*, «O Arch. Port.», I, Lx., 1895, pp. 36-37 e 346-52.
- , *Archeologia transmontana. Primeiras explorações archeológicas no concelho de Villa Pouca de Aguiar*, «Encyclopédia das Famílias», n.º 20 e segs., Porto, 1895-1900.
- SEVERO, Ricardo, *As necrópoles dolmênicas de Traz-os-Montes*, «Portugalia», I (4), Porto, 1903, pp. 687-690; *ibidem*, *Commentario ao espólio dos dolmens do concelho de Villa Pouca d'Aguiar*, pp. 707-750.
- , *Novas descobertas de ourivesaria proto-histórica*, «Portugalia», II (1), Porto, 1905, pp. 109-110.
- , *Les dolmens de Villa Pouca de Aguiar (Questions d'authenticité)*, «Portugalia», II (1), Porto, 1905, pp. 113-117.
- , *O bracelete d'ouro de Tellões*, «Portugalia», II, Porto, 1905, p. 283.
- VASCONCELOS, J. Leite de, *Dolmens do concelho de Villa Pouca de Aguiar*, «O Arch. Port.», II, Lx., 1896, pp. 231-33.
- , *Religiões da Lusitânia*, I, Lx., Imp. Nacional, 1897.
- , *Estátua de um guerreiro lusitano*, «O Arch. Port.», VII, Lx., 1092, p. 23.
- , *Coisas Velhas*, «O Arq. Port.», XXII, Lx., 1917, pp. 158-165.

(25) O espólio da *Anta das Carvalhas Alvas* foi publicado por LEISNER, Vera, *Nota sobre um vaso transmontano*, «Arqueologia e História», 8.ª série, III, Lisboa, 1958, pp. 145-153.